TERÇA-FEIRA, 23 DE NOVEMBRO DE 1915 N.º 242, 5.—(364) 7.º ANNO

Propriedade da empreza d'O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

Redacção, administração e typographia
Rua do Poço dos Negros, 81

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARMANDO FERREIRA

Comp. e imp. nas *Officinas Graficas*
Rua do Poço dos Negros, 81

A Guerra Europeia

Contra os gazes asphyxiantes

CRONICA

A academia revolucionada — A batalha do Poço Novo — O sr. José de Castro e as ameaças — A crise—Boatos e fantasias — Propaganda eleitoral — Eleições.

Portugal passou uma semana de revolucionarismo académico. Lisboa, depois o Porto, seguindo-se Braga, Portalegre, Castello Branco, Santarem, Vizeu etc viram a vida normal excitada com uma greve turbulenta e curioza: a da academia. Primeiro conflito surgiu do Instituto Superior Tecnico; acharam-se lezados os futuros engenheiros, porque um decreto votado com certeza numa daquelas sonolentas sessões em que para não deixarem de fazer nada, os ilustres *paes da patria* vão fazendo asneiras, ia equiparar com os seus conhecimentos, alunos da Escola de Construções, preparatoria de condutôres de maquinas. Ao conflito, seguiu-se a greve, e a adezão e apoios de todas as faculdades de siencias do paiz.

O ministro, como Pilatos, com o credo na boca, lá lavou as mãos conforme poude, mandando para o parlamento a *bota...* por descalçar. Eis senão quando por outro lado protestam contra a solução os das Escolas comerciaes e industriais e se declaram por sua vez em greve. Os liceus tinham já organisado tambem o seu comité, o seu estado revolucionario, decretado a greve geral, e a compra de colheres de pau, por causa tambem dum outro famigerado decreto que institue pelos liceus, os cursos de letras e sciencia, lezando os habitantes de certos bairros que tem de se esfalfar e gastar as botas em percorrer de léz a léz a cidade para irem ás aulas.

Na maré reclamam tambem as alunas do liceu Maria Pia querendo mudança de horario nas aulas de ginastica e lavoura. As da Escola Normal em sessão magna tambem se declaram em greve e redigem as suas reclamações. Os estudantes da Universidade de Lisboa reunem por sua vez, e em calorosos discursos protestam contra o decreto 1725 que lhes falseia «o curso livre» alcançado com a Republica.

Pelas ruas era então ve-los. Com a alacridade e a bôa facecia da gente moça, de mocas e colheres de pau, era ver os montões de mocinhos estudiosos a quebrarem a pacatez morna da cidade, emquanto os paes á tarde não os agarraram por certa parte das calças e lhes... furam a greve com dois açoites. Chegou a haver renhido combate entre duas hostes inimigas. Foi no Poço Novo. A pedrada choveu, a *sôlha*, o pontapé e... perante a reivindicação social, e, o direito á greve tão acaloradamente defendido teve que surgir a... guarda republicana.

Graças a Deus e a Noé que este verdadeiro sôpro revolucionario que perpassou pela academia, nos veio dar alguma feição nova á vida.

Porque, na ocasião em que ao ministerio José de Castro, era cordealmente (sic) aceite o pedido de demissão não teriamos que falar senão na fastidiosa politica. É pécha velha, quando cae um ministerio não se viver durante a crise senão das hipoteses e boatos. Ora, logo que o sr. José de Castro, naquela celebre manhã, estiraçou os ombros e atirou com... o fardo ao ar, a atmosfera começou a saturar-se de nomes, intrigas, balões de ensaio, o diabo. A muitos surpreendeu o sr. José de Castro, que era um presidente de governo e um ministro da marinha (!!) muito aborrecido. Mas porque tal surpresa? Quando foi do 14 de maio, aquela celebre revolução feita até pela sua familia, para irmos para a guerra etc, mais coisas bonitas que se disseram, o sr. José de Castro como um sacrificado ofereceu-se para pôr na tranquilidade este indigesto paiz.

Mas, feitas as eleições, quando S. Ex.ª queria voltar para o recanto do lar, disseram-lhe logo que tinha de continuar lá, para bem do paiz, e dos generos alimenticios. S. Ex.ª foi ficando. Mas, coetado, dai a pouco, começaram a rufar nele como em pele de bombo, e intima-lo a fazer isto, decretar aquilo; a assinar mais certa lei, a dar para baixo; chegaram a ameaça-lo... Ha dias a *nobre* marinha foi ali á redação do Seculo e preveniu que não andava contente. Que tinham sido enganados; se a revolução fizera e ficára tudo na mesma; que isto assim não ia bem; que era preciso matar 20 e esfolar 70 por causa do regime que periclitava. E o sr. José de Castro a dizer com os seus botões: pois quem quizer que venha para cá! Mas isso sim, ninguem se resolvia. Que se aguentasse... a Patria... até que rebentou! S. Ex.ª despediu-se. Uma manhã disse que se ia embora, quem quizesse que fosse bom, que fosse mais liberal que ele tinha sido. E a crise abriu-se... Convocou-se o parlamento... quando afinal não tem nada que saber... já ha muitos mezes está indicado donde ha-de infalivelmente surgir o ministerio.

O mais curiôzo porem são os nomes que se indicam... sempre os mesmos, sempre os mesmissimos enciclopedicos estadistas que ora poizam nas colonias, para irem pouzar na marinha ou na instrução.

Entretanto realizaram-se sessões de propaganda eleitoral e a votação para duas vagas de deputados no circulo ocidental. Candidatos apresentados eram Feio Terenas e Maria Coelho pelos evolucionistas. Jacinto Nunes e Alves Roçadas pelos unionistas. Vieira da Rocha e Catanho de Menezes pelos democraticos. Feio Terenas e Jacinto Nunes dois velhos republicanos de nome e de propaganda ativa durante a monarquia. Maria Coelho, um heroe de 31 de Janeiro. Alves Roçadas um brilhante batalhadôr de nome honrado da Republica Portugueza, em Africa.

As eleições fizeram se. Os eleitos foram como não podiam deixar de ser Vieira Rocha e Catanho de Menezes!

E ha-de ser feliz um povo que pratica inconsciencias destas! Emfim,—como o outro que diz,—isto vae tão bem que até o Catanho... é deputado!

F. de T.

DOS POETAS
Maio florido

Abria o sol em pleno meio-dia,
E tudo respirava o seu ardor:
Aquele intimo fôgo, alma do Amôr,
Sangue da Vida, corpo da Alegria.

E fomos nós, os dois, em romaria
Ao teu jardim, banhado do explendor,
E aonde, em cada roza e em varia côr,
Como que o proprio sol de novo abria!

Fizeste um fresco ramo. E, já fugindo:
«Lá vão murchar! Precisam agua.» Rindo
Sumias te no fundo da carreira.

—Precizam de agua? Que maldade! Não.
Deixa-as estár, assim, na tua mão:
Hão de julgar-se ainda na rozeira...

ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA.

Agostinho Fortes

Nosso velho e querido amigo, um dos mais notaveis e eruditos, que ao serviço da republica tem dado o melhor do seu talento e saber, como professor na Faculdade de letras, como sociologo, historiador, jornalista de extraordinario valor, sempre desinteressado e desejoso de ver surgir uma republica para Portugal e não pertença duma negregada seita, volta no proximo numero d'*O Zé* que guarda avaramente, a estima de saudosos tempos, que o tem ligado á existencia do nosso jornal desde o *Xuão*.

O notavel homem de letras, dos raros que saiu da nossa geração, na sua quasi totalidade pigmeus encastoados em penas de pavão, honra desde o proximo numero e que seja por muitos annos, as columnas d'*O Zé* aonde nos vae dar, decerto, notaveis lições, saidas da sua pena brilhante e eradita.

DIALOGOS

—Conheces o Raymundo?
—Qual?
—O Alves.
—Ah! o Raymundo Alves, o grande jornalista, o grande orador!
—O outro *eu* do dr. Afonso
—Vai fazer uma conferencia sobre a obra do governo e economia politica.
—Vai assombrar a humanidade e o nosso dr. fica na sombra...
—Decerto se atendermos a cultura intensa desse futuro deputado...

Carta... aberta

A' hora em que te escrevo, ó Desiderio,
á minha torre de oiro e de marfim,
chegou o telegrama de que—*emfim*,
pediu a demissão o ministerio!

Emfim, não sei porque!—Se ele era serio,
na hora da desgraça e do chinfrim,
porque é que ora tão mau ou tão ruim
que *tudo* diz: *Emfim?*—Alto misterio!

Num *cavalo de pau*, da lei fatal,
Fernandes vai seguir, sem se esquecer
do Leandro em comboio especial.

Foi presa uma granada. E' quer's saber?
Chegou o telegrama ao seu final,
por causa da censura.—Estás a vêr!...

Candido Torrezão (K K. To.

Bilhetes postaes insolentes

Minha boa amiga:

Queixa-se V. de os homens, mormente certos rapasólas de sociedade, olharem em excesso para as vossas botinas quando passaes na Rua do Ouro, ou subis para os eletricos. Não sei onde existe a rasão da vossa queixa.

*Se os canos das vossas botinas que... pelos ultimos figurinos se devem deixar ver, bem como um pouco da barriga da perna, pela minguez das saias, são deveras atraentes, a razão dos homens as fitarem deve ser a beleza do cabedal. A minha amiga na sua aparencia de sino, ou de boneca, com os seus 30 anos uza saia de 50*cm. *de alto. A moda é que o decretou; V. obedeceu, e os homens admiram. Deixe-se chegar ao cabo tormentozo dos 40 anos, e verá que, embora as suas* botinas *sejam de bom cabedal, e as suas saias* minguem *ainda um pouco mais ninguem quedara nas paragens a admira-l'a.*

Questão de tempo e dos coiros... do calçado.

Creia-me, amigo

João Platão.

De ponta... e mola

As féras

Num jornal da semana passada podémos ler:

«Na India Ingleza, durante o ano findo foram mortas por animaes ferozes 1755 pessoas e por cobra venenosas 22:894 pessoas.

Durante o mesmo ano o numero de cabeças de gado mortas por animaes ferozes atingiu o elevado numero de 94:746 e por cobras venenosas o de 10:939.

O numero de animaes ferozes mortos n'aquele ano foi de 25:903, tendo o governo inglez dispendido a quantia de 191:181 rupias em premios aos caçadores.

mais adiante:

«A seguir aos combates de hontem no «Labirinto» contamos deante das nossas trincheiras 219 cadaveres de inimigos.»

O governo inglez faz muito bem em premiar os caçadores de feras. Diz-se até que em Inglaterra, se vae decretar o serviço militar obrigatorio!

Comoções

O sr. Roldan que veio do Panamá onde foi comissario portuguez da Exposição, diz que num banquete em S. Francisro a orquestra depois de tocar o hino americano, ouvido de pé por todos, com *surpreza geral* encetou os primeiros compassos do hino da extinta monarquia, o que levou os assistentes a sentar-se, manifestando-se as senhoras *muito desgostozas* pelo desagradavel incidente.»

Aqui para nós parece-nos que devia ter talvez havido algumas que se manifestaram *tão desgostozas* a ponto de lhe chegarem as lagrimas aos olhos com... a comoção!

Coetadinhas!

De Mafra

Mafra, aquela celebre vila, que já conta dois episodios e... duas tareias pelo excesso de lealismo azul e branco, no dia 15 do corrente lembrou-se de comemorar o aniversario do *seu* auzente rei, com petardos em varios pontos!

Estão no seu direito!

Os mafrenses não acharam forma melhor de saudar o *seu ausente rei*, do que com 3 anonimos puns.

Que lhe sirva!...

Botas

Diz-nos aqui o *dédo meiminho*, que é um advinho de marca X, que o ex-ministro da instrução tem feito o seu... par de botas muito regular.

Não sabemos como tal possa suceder! No ministerio do sr. José de Castro haver um homem que fizesse asneiras! Foi para isso que se fez o 14 de maio? Foi para isso que se constituiu o governo nacional saido dessa revolução?

Ora sr. ministro da Instrução, faça favor de não tornar a fazer asneiras, isto é, faça o mesmo que o seu chefe: deixe andar e correr o marfim.

E... quem não gostar... que suba ao poder, que elle por si... não se rala.

Afonso Taveira

Uma das manifestações mais espinhosas, é sem duvida, hoje em dia a homenagem.

Caiu tanto no vulgar a frase galante, amavel, a louva minhica e o elogio motuo na nossa terra que, a quem por justiça, queiramos trasel-os pela palavra, pelo livro ou pelo jornal, á consagração do seu paiz, mercê do seu talento ou merecimentos excepcionaes, se julga vexado, tão banal é em Portugal a celebrisação de qualquer pigmeu.

A homenagem que *O Zé* hoje tributa a Afonso Taveira, é uma das que se impõe pelos seus assignalados serviços prestados ao theatro nacional e não menos valor artistico.

Atravessou uma brilhante época em que uma geração notavel de artistas, honrraram o theatro; época, de homens de extraordinario valor quando, para ser actor era condição prima ser artista. E não sabiam então o que era essa coisa a que chamam...

Escola d'Arte de Representar.

Que tempos, que nos davam extraordinarios genios como Antonio Pedro e Emilia das Neves.

Como ensaiador, tem Afonso Taveira, uma notavel galeria de peças que nos tem apresentado brilhantemente enscenadas.

E' um dos mais antigos emprezarios, cujo nome, se evoca com profundo respeito por esse mundo fóra.

Em todo o Brazil, é um dos mais queridos pela nobresa do seu caracter; pela notoria probidade no seu metier desde simples actor, que Taveira, se tem sabido impôr á consagração pela inteiresa da sua alma, sempre aberta a quantos solicitavam abrigo e proteção. Nem a negra ingratidão de tanta gente, capaz foi, de modificar o seu caracter dos raros em theatros.

Quando do gesto memoravel dos actores portuguezes, que gerou a sua Associação de classe, quem como Taveira, trabalhou a seu lado, para a conquista do seu justo triumfo? Foi o unico, que atravez todos os obstaculos, todas as indiferenças, procurou fazer resurgir a opereta.

Desde a revista á opera, tudo elle tem exibido no seu theatro da Trindade, procurando apenas, fazer arte e erguer o theatro á altura da sua nobre misão. Ninguem melhor que Taveira, podia ter uma invejavel fortuna — apenas o orgulha e impõe, um nome honrado. Quantos dariam a propria vida para valerem o prestigio moral, de Afonso Taveira!...

Conferencias

A marinha de guerra foi aos jornaes reclamar. Não estão satisfeitos.

Querem mais obras.

Em compensação fornecem-lhe conferencias ao domicilio...

Pobre marinha! De palavras.. está ella farta! Fica sempre a ver... navios em papeis, projectos e postas. Póde ser que com outra revoluçãosinha...

Recebemos e agradecemos

Sociedade da Emigração para «S. Tomé e Principe»—Relatorio da direção parecer do conselho fiscal e lista dos acionistas.

Recebemos o belo volume de que se trata, magnificamente impresso em papel *couché*, e ilustrado profusamente. Agradecemos. Só ver o relatorio dá vontade de ir para S. Tomé.

Lancetadas

Os habitantes d'esta linda cidade, sejam talassas, sejam republicanos sejam sindicalistas, sejam o diabo que os leve para a guerra europeia, (que é até hoje a melhor forma de dar cabo da humanidade) emfim todos esses pinócas, rufias, mendigos etc. etc. sabem dizer-me o que vem a ser a Assistencia Publica? O que vem a ser Policia Correcional? O que vem a ser moral e bons costumes? O que vem a ser um povo civilisado?

Damos 10 réis de tremoços salois bem medidos a quem nos puzer isto em pratos limpos.

*

Os industriais com um bocado de razão revoltam-se contra a exigencia das 8 horas de trabalho, mas por outrolado não se resolvem a aumentar os salarios.

Eles tem razão, mas os operarios tambem e se a epoca é má e é preciso muito trabalho, trabalhe-se as 10 horas mas aumente-se o salario, que o operario não póde viver com os proventos atuais. Este é que o problema que uns e outros deviam procurar resolver.

A policia recebeu ordem para assaltar as batotas. Claro está que as pataqueiras foram as primeiras porque as casas chics preveniram-se a tempo.

Tudo emfim é uma enorme fita. Era talvez mais coerente deixar jogar quem joga e quem não fosse tolo ou ambicioso não fosse lá.

*

Outra fita já muito safada é a das rusgas á rufiagem que dias depois de ser presa volta sorridente para o *seio da familia*, e continúa a esfaquear o proximo, e outros a pilhar o que pódem, com grande desespero até das C.as do Gaz e das Aguas, cujas portinholas das torneiras teem ido fazer munições para a guerr.a

E lembrar-se a gente que na Africa ha tanto terreno para cultivar e existe por cá tanto vadio!

*

Noticiaram os jornaes o brilhante feito de uma proxeneta alugada por um tratante qualquer, com o fim de raptar e consequentemente desgraçar uma formosa menina filha de uma honesta familia que a tinha empregado num escritório.

O pai com alguns amigos sovou os meliantes e as femeas que ao rapto se prestavam e o caso foi afecto á justiça, que naturalmente... fará alguma luz no caso... se puder.

Para crimes d'esta ordem o castigo melhor era colocar os autores déles na situação dos enuchos.

Operá los e mandá-los vêr, cheirar... e fazer cruzes na bôca...

H. Lanceta.

O pão nosso... da semana

Secção amarga

Rapazes e *rapazolas*
da mocidade estudante,
em atitude flamante,
fizeram *gréve* ás escolas

Em enorme gritaria
pelas ruas da cidade,
espalharam a maldade
que nos seus corpos havia.

Não poderam os reitores.
dos liceus da capital,
acalmar o grande mal
dos pequenos detentores.

Nem *guarda republicana*
nem a *civica policia*,
evitaram a *malicia*
da *estudantada magana*.

E' bem certo o tal dictado,
que diz em termos audazes,
:—quem se mete com rapazes...
fica sempre... *apedrejado!*...

Vid' Alegre.

A Guerra Europeia

Falámos no nosso ultimo numero do avanço sobre Bagdad pelos inglezes.

Logo que a Turquia se poż efetiva e declaradamente ao lado dos imperios centraes, desembarcou em Fao, pôrto turco no extremo do golfo persico, um exercito inglez, constituido na India que começou a invadir o territorio adjacente. Essa invazão pelas margens do Tigre e do Eufrates mostrou primitivamente uma resistencia grande da parte dos otomanos. Puzeram os inglezes em seu auxilio, a navegar, canhoneiras especiaes que cooperaram com a sua metralha, nas vitorias sucessivas de Bassora, Kornah, Amara, Kolumara, até finalmente ao fim dum ano de luta se encontrarem ás portas de Bagdad.

Mulheres servias, exercitando-se no manejo das armas

A'parte o abalo moral d'esta conquista, sobre o islamismo, e do *ch que* sobre o imperalismo germanico que imperava na Azia Menor, fazendo de Bagdad e dos caminhos de ferro que a cercam, preza sua, a conquista proxima de Bagdad, garante em parte a proteção do Egipto, e ameaça os turcos combatentes do Caucaso.

Não será, como já dissemos, uma vantagem delirante, esta conquista como qualquer outra conquista efectuada sobre as colonias, ilhas ou possessões fora do continente. A grande cartada joga-se no continente. Aquele que vencer aqui, será o vencedor por toda a parte, embora não tivesse ganho de armas na mão por toda a parte. Mas a conquista de Bagdad, o esforço britanico empregado, não se perde: concorrem para a totalidade das operações, pondo em cheque não só moral como materialmente os inimigos otomanos.

E é aqui para admirar, ainda, o esforço resignado e paciente da Inglaterra. Dura ha um ano a marcha do golfo persico até Bagdad. Tempo, apenas questão de tempo. E é esta a norma seguida mais ou menos pelos processos da Inglaterra. Veja-se o caso da pirataria pelos submarinos alemães. Ha um ano, era infalivel o dia em que cinco e seis barcos neutraes e aliados não iam acumular-se no fundo dos mares. A Alemanha chegou a arquitetar o bloqueio da Gran-Bretanha; os seus submarinos pareciam dominar em toda a parte e traiçoeiramente ir dizimando a humanidade. O almirantado sem se *desconcertar* — permita-se a expressão — estudou varios processos para lhes anular os efeitos. O *telefone submarino* que mune todas as grandes unidades, as esquadrilhas de *destroyers* e torpedeiros, os aeroplanos, e as *redes metalicas* conseguiram esse objetivo. 46 submarinos, confessavam os alemães ha dias, terem perdido desde o inicio da guerra. As redes metalicas são levadas por duas filas de torpedeiros, dispostos em circulo e formados, por malhas de aço, fortissimas, com bolas explosivas enormes nas extremidades, para pela explozão, motivada pelo embaraço do submarino que nelas se prendeu, chamarem ao local os *destroyers* e mais barcos de guerra empregados nesta pesca.

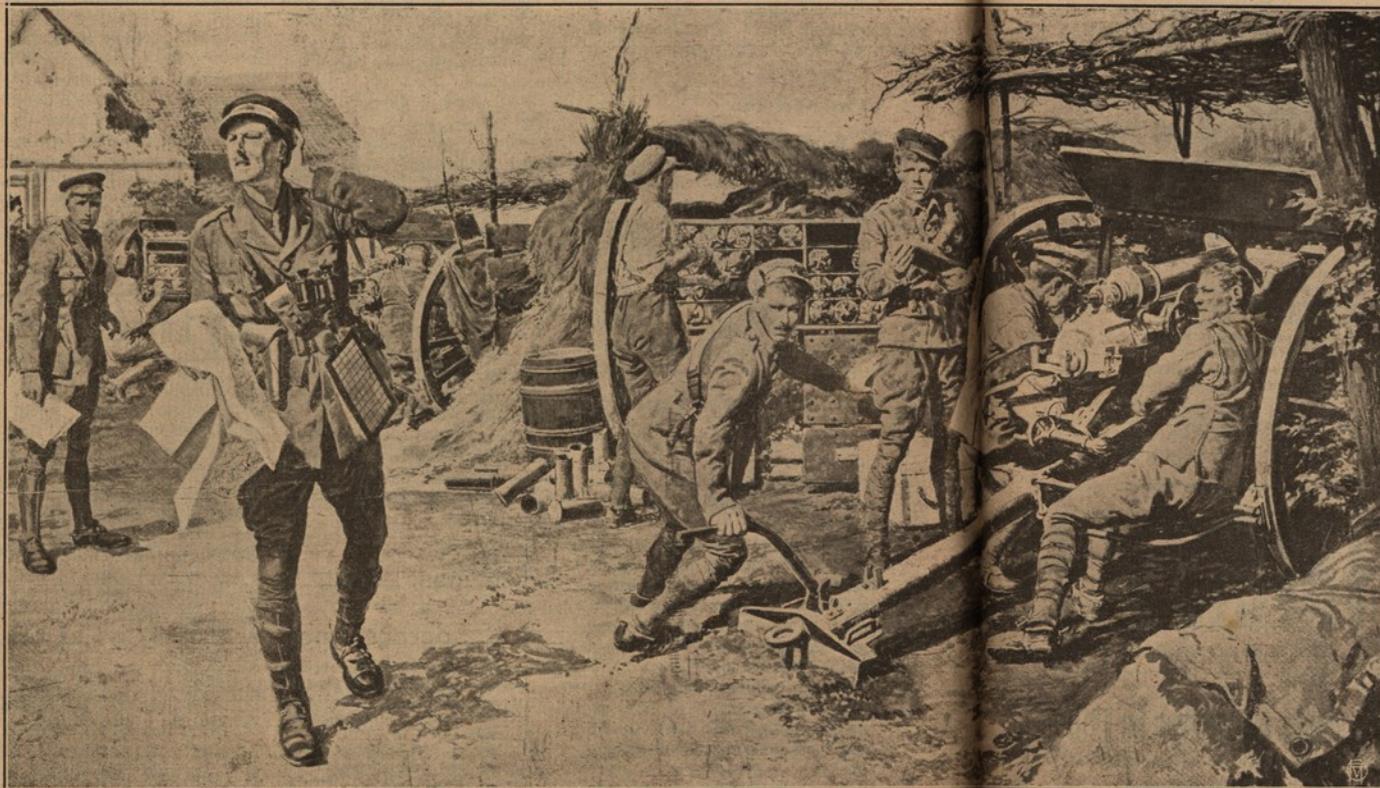
E' pois a ação pertinaz e pauzada da Inglaterra que se deve a perda de 46 dos mais terriveis engenhos da pirataria alemã.

De resto, a ação nos mares da Gran Bretanha manifesta-se incessantemente. A sua esquadra e a dos seus aliados já conseguiu desde o inicio da guerra desfalcar a *nobre marinha germanica* nos seguintes barcos:

Cruzadores couraçados, *Blucher—Gneisenau—Scharnhorst — Moltke — Friedrich-Karl— York — Prinz Adalbert—Goeben.*

Cruzadores — *Emdem — Dresden — Nuremberg—Koenigsberg — Leipsig — Koeln—Mainz—Kolberg—Breslau —Magdeburgo—Ariadne—Undine.*

Por outro lado os submarinos inglezes apertam o circulo de isolamento, vigiando as comunicações pelo Baltico, com a Suecia e Noruega. Por aquela porta, recebia a Alemanha ainda bastantes recursos que a iam animando e sustentando apezar da paralisação da sua marinha mercante.

Tudo isto que passa desapercebido perante a luta local dos Balkans são factores a ponderar. Os aliados, á parte o seu grande erro diplomatico na questão balkanica, conservam as suas forças equiparando, sustendo, *estafando* os esgotados exercitos dos imperios centraes. A linha da França, frente ocidental, mantem-se numa fornalha de fogo de artilharia. Sem descanço as baterias francezas, na Champagne, no Woevre, por toda a linha, vomitam munições numa preparação infernal, mas prudente que Joffre lentamente vae dirigindo.

Bateria ingleza rectificando o tiro com auxilio do telefone de campanha

Uma carga de infanteria ingleza, prevenida contra o effeito dos gazes asphyxiantes

Nos cumes frios em volta de Goritza combate-se encarniçadamente. Os austriacos defendem num ultimo arranco aquela praça forte.

Da Russia, a ausencia de noticias, a paralização de toda a ofensiva alemã denotam que os exercitos russos conseguem fazer parar todo o seu esforço, e prejudicar o seu terceiro grande objectivo Riga. Porque como os leitores se recordam, os estados maiores alemães tentam de quando em quando os grandes golpes espetaculosos, alardoando grandes ofensivas e dispendendo até grande numero de vidas para alcançar esse objectivo; o primeiro foi a entrada em Pariz ha mais de um ano; pouco depois a tomada anunciada, e decantada de Calais, donde os seus historicos *42* bombardeariam Londres ao mesmo tempo que serviria de base de operações navaes; e finalmente Riga, o terceiro.

Não tem sido felizes os aguerridos servidores do kaiser. Por emquanto limitam-se modestamente a estar de posse de grandes massas de territorio alheio mas contidos, esbarrados em frente de forças e de vontades que lhes vão dia a dia quebrando o valor. Para a Alemanha a guerra atual tinha de ser uma guerra de grandes lances energicos e rapidos. A sua procura, insistente em alcançar feitos nesta ou naquela frente, mostram a necessidade imperiosa que teem de apresentar á população obsecada, patriotica e fanatica pelo militarismo que a governa, constantemente uma nova vitoria, que lhe vá alimentando a esperança e a fé. Mas, apesar da colheita, hoje pela Russia, amanhã dominando a pequenina Servia, de vitorias que a imprensa berlinense eleva aos pincaros da gloria e da celebridade, a multidão que passa mal, que vive pobre, que já está exausta de sacrificios por uma guerra em que entrou sofismada pelas conquistas prontas e rapidas, vae se rebeliando ante a desproporcionada carestia dos maus generos alimenticios, e, das exigencius sempre continuas das autoridades militares.

E' preciso atirar á fornalha de Berlim, sempre novas vitorias alardoantes, retumbantes que a façam conter. Essas vitorias tem agora sido á custa dos bulgaros, contra os servios reunidos á porção insignificante dos reforços aliados chegaram em apoio dos pequenos mas sempre gloriosos servios.

Para ahi involuntaria e tragicamente se voltam todos os olhos. A velha Servia está totamente invadida á força bruta com os massacres costumados, e a devastação; os montenegrinos como um punhado de leões vão cedendo palmo a palmo os seus baluartes de defeza á custa de muito sangue, os servios batendo para o sul, protegendo Monastir, emquanto a diplomacia pretende remediar, a sua derrota funesta que ocasionou o esmagamento da Servia, fazendo com que Denis-Cochin e Kitchner, atuem rapida e decididamente na enigmatica attitude da Grecia.

As ultimas noticias dizem-nos mais alguma coisa: Monastir sente ás suas portas o tropel dos invazores. Entretanto as horas angustiadas passam; e se Constantinopla embandeira para receber o novo e divino aliado — o imperador da cristandade — itenas celebra os enviados da *quadruplace* e *Bucarest* ferve sob um mar contido de paixões germanófobas. Mas quaes serão os futuros horisontes desses dois enigmas balkanicos?

A isso só o tempo responderá.

Guerreiros modernos: Um soldado inglez com o novo capacete «anti-gaz»

Critica de factos...

Alguns jornaes, depois de soprarem ao vento da indisciplina, os fulgores da sua prosa apaixonada; depois de desorientarem a opinião publica com o fogo da sua eloquencia; depois de, com razões capciosas levarem ao espirito publico o fermento da desordem e da intolerancia, veem agora a falar na disciplina que êles fizeram ruir, mercê de uma politica sem principios, em que os direitos dos cidadãos são despresados e a liberdade é um mytho.

A indisciplina não é de hoje nem de hontem. Vem de longe.

O que foi essa luta entre constitucionaes, que durou até 1851, senão uma serie de actos criminosos.

Todas as lutas politicas desde aquele ano até hoje, constituem uma longa serie de atos de indisciplina politico social.

Emquanto os soldados eram castigados com varadas por transgressão dos regulamentos disciplinares, os generais ficavam impunes pelos atos de insubordinação que cometiam; emquanto os politicos tripudiavam, ofendendo a constituição e a moralidade, os filhos do povo eram punidos pelos tribunais civis e militares por crimes de menor peso do que aqueles que os grandes haviam cometido.

As doutrinas proclamadas nos tempos da propaganda, não tiveram o fim de levar a revolta á consciencia das multidões?

Porventura essa propaganda não constituiu atos de indisciplina?

Fizeram compreender ao povo que ela era o soberano, não se lembrando porém que a soberania popular sempre foi uma ficção. E o que seria ela se se tornasse efectiva!

Arvoraram o labaro da revolução; cumprida a missão désta, deviam entrar na normalidade para que a divisa de **Trabalho e Ordem** fosse mais que um emblema, um simbolo, uma pura mistificação.

A revolução de 5 de outubro fez se, segundo diziam, para melhorar a sorte do povo, para moralisar a administração publica, para velarem com escrupulo pela honra e dignidade do país.

Mas se os monarquicos se estiolaram em lutas estereis que perderam o antigo regimen e prejudicaram o país, os republicanos deviam tomar outra orientação, não cairem nos mesmos erros, mas usar de processos diferentes na politica e na administração do país.

E depois o que é que se vê?

Quem ha aí que se capacite perante factos consumados, que o mal é dos regimens e não dos homens?

Nunca pesou sobre o país uma situação tão critica. Para a debelar torna se preciso a boa vontade de todos os homens bons e sinceros. Urge que se restabeleça a harmonia entre a familia portugueza e que ponham um dique á torrente indisciplinada que acorrenta os espiritos.

O povo trabalhador, que só vive do seu esforço, deve se alhear á politiquice que infelizmente invadiu muitos cerebros desvairados.

Ha para aí muitas tribunecas que devem ser dissolvidas. Cada um no seu logar.

No exercito não deve haver politica. Os oficiais teem um dever — defenderem o país e não os partidos. A policia tem um fim: defender a ordem e garantir aos cidadãos as suas vidas e haveres e ser independente de agremiações politicas.

Os governantes devem ser os primeiros a respeitar a lei. Os politicos devem pôr acima dos interesses partidarios, os da nação.

Subir aos pinaculos do poder, eis a suprema ambição dos chefes. E para esse efeito não se hesitou deitar mão de meios que criaram precisamente uma situação violenta, nunca vista...

Foram os monarquicos que enterraram a monarquia. Pensando nisto os republicanos, deviam acabar com as dissidencias que podem dar com isto em pantana.

Jamais se viu que a politica entrasse nas dominios do pensamento dos heroicos filhos do povo que fazem parte da força publica, que pertence ao país e não a este ou aquele partido.

Debatemo-nos em questões partidarias, mesquinhas, de conventiculos, quando o fogo da guerra incendeia a Europa, não se podendo calcular nos debates da paz que destinos estarão reservados ao país e ás colonias.

Uns patriotas berram que querem ir para a guerra, ao mando de traidores aqueles que não berram como eles e no entanto esses individuos não não se alistam na legião estrangeira de França onde muitos portuguezes honram o paiz na defeza da civilização latina.

A conjurar o mal, necessita-se um esforço herculeo, uma vontade de ferro. Firmesa e pulso; justiça e equidade; trabalho e ordem.

Pôr termo á agitação politica é uma necessidade imperiosa porque dos lados de Hespanha olham-nos com cubiça.

Devemos contar com o nosso esforço e não com a proteção de ninguem.

Só assim conseguiremos salvarnos de um naufragio.

Jean Jacques.

O FADO

Grande concurso sensacional

Continuamos a receber respostas ao nosso concurso. Contudo antes de iniciarmos a publicação dos nomes das votadas prevenimos que apenas o nosso concurso se refere a mulheres *vivas e portuguezas*. Infelizmente aquella que tem recebido maior numero de votos já não nos canta o fado. Maria Victoria, a saudoza cantadeira desapareceu. Julia Mendes tambem votada, egualmente abstraimos do concurso. Resta Berte Baron que, como *franceza*, não é... portugueza. Por isso continuaremos a perguntar:

Qual é a mulher portugueza que melhor canta o fado?

Todas as respostas a este concurso devem ser enviadas á nossa redação, com clareza e simplicidade, e o maximo possivel breves.

Os votos serão contados no final por um juri devidamente constituido, devendo cada pessôa votar apenas uma vez, para o que provaremos impedir as *chapeladas*.

Tem direito a ser eleitas todas as mulheres, desde as atrizes que o cantem e interpretem condignamente a qualquer outra mulher, seja de que classe fôr.

Os nomes das *votadas* devem vir claramente manifestos para não haver dificuldades no escrutinio.

A' medida que formos recebendo os votos, iremos dando d'eles contas aos leitores.

Aos *admiradores* de alguma cantora de fados, pedimos para que sejam *honestos*, na eleição da

RAINHA DO FADO

O nosso concurso não abrange só Lisboa. O fado é portuguez. Todo Portugal tem filhos cheios de amor e sentimento. Para toda a parte pois, de Portugal, enviamos tambem a nossa patriotica pergunta; meus senhores, vamos a saber:

Qual é a mulher portugueza que melhor canta o fado

Senhoras inglezas fazendo o serviço de carteiros em Londres

Charadas

Soluções do numero passado: **Canadá — Vapor — Quem se mata, morre cedo — Viva o «Zé» — Alonga.**

Decifradores

Pederneira—Caracol.

Em frase

Pobre mulher! depois de abandonada pelo marido foi ganhar a vida no teatro—2—4.

Salvaterra Junior.

Charada em verso

Casou o filho do Bandarra—1
Com a filha do Albino;—2
Inda não ha meio ano
E já tem um menino!

—

Dum arbusto entre a folhagem,—2
Mesmo á beira d'um ribeiro,
Um pardalito ligeiro,
Faz seu ninho de plumagem
A primôr;
E a brisa branda que córre—2
Solta mil cantos d'amôr!

Ai! como a vida é suave
Para aquela linda ave!

Salvaterra Junior.

Charadas em frase

Vi num livro, que no Tejo nasceu a flôr—1—1.

O rosto estava coberto com a tela do barco—2—2.

Napus Leo.

No nosso paiz, não ha virtude que não dê companhia a um grande defeito — somos de bom estomago e padecemos muito de amnesia cerebral. De admirar não é, que o publico se tenha esquecido, do que foi a época theatral, que se arrastou durante os longos mezes do seu reinado, nos andrajos da producção estrangeira.

No theatro Nacional, talentosa e habilmente dirigido pelo conhecido escriptor Lino Ferreira, procurou a sua modelar administração, brindar nos com o theatro genuinamente portuguez. Montou a peça de Ramada Curto, a «*Sombra*». Caiu, sem as honras da recta protocolar do auctor.

Deu-nos do conhecido e laureado escriptor Augusto de Lacerda, a peça — «*Martyres do Ideal*» que, tambem não teve a esperada carreira d'outros trabalhos do auctor. Predominou a litteratura dramatica franceza, no primeiro theatro do paiz. Tal facto, prova bem, a decadencia da nossa literatura theatral.

Em S. Carlos, o arrojo do sr. S. Luiz de Braga, teve as portas abertas onde, a concorrencia, em parte, auxiliou a sua iniciativa.

Deu nos optimo theatro mas .. estrangeiro, adaptado ao nosso meio, tão refratário á educação artistica, desde o aristocrata á baixa camada. Fez o carnaval, com uma bela «*charge*» do notavel dramaturgo Eduardo Schwalbach e foi-se... em tourné artistica por esse paiz fóra, a melhor companhia que ora possuimos.

No Avenida, tivemos a opereta alemã, que Galhardo, hoje um dos mais arrojados, mais talentosos e habil emprezario, importou a peso d'oiro.

A concorrencia, ia compensando os pesados encargos do iniciador do Ciclo theatral que, faleceu como nasceu.

A iniciativa, era d'alto alcance para o theatro nacional; o meio, é ainda muito pequeno, muito ingrato, para os vôos de grandes empreendimentos. Quando tudo fazia prever a Luiz Galhardo uma época de successo, surge-lhe a notavel companhia italiana Caramba, que possuindo artistas de faculdades extraordinarias, com escola de canto superior, com um reportorio deveras notavel, com um maestro artista extraordinariamente excepcional; o publico, em massa, enchia literalmente a casa do mais habil emprezario portuguez.

Veio o confronto, e salvando-se Almeida Cruz, todos os demais artistas não podiam rivalisar porque... vivemos n'uma agonia no que diz respeito á aculdades vocaes!

Ainda dizemos: porque não temos opereta portugueza?

Porque temos rainhas a mais no genero e artistas a menos que saibam e possam cantar.

E' doloroso, mas é a grande verdade.

A divulgação da opereta, deve-se ao distinto artista Afonso Taveira, o decano dos emprezarios dos ultimos tempos.

Trabalhou muito para a propagar no escirito d'este publico refratario a todas as notaveis iniciativas a que se prenda a bella manifestação da arte:

Apresentou-nos o que de melhor pôde adquirir; lutou como poucos com a carestia de artistas para o genero e com a criminosa indiferença do publico, que o ia arruinando, porque é um escravo da sua palavra; a arte, para Taveira, é um sacerdocio e não um comercio.

Abriu e fechou a época com a revista «*Verdades e Mentiras*».

No Gymnasio, ainda tivemos «*A Conspiradora*»; theatro muito nosso, de Vasco Mendonça Alves. Uma ou outra comedia de suportavel carreira que o estrangeiro nos soube impingir.

No popular theatro da rua da Palma, bateu-se o reportorio antigo; foi uma época infeliz para Luiz Ruas que, anda em maré de azar. Somado o reinado da época theatral de 1914-1915, vemos que, o theatro agonisa e dentro em breve, a profecia do illustre escriptor e critico d'arte Afonso Gaio, é um facto.

A época actual, da qual nos temos de ocupar no proximo artigo — nasceu como baixou á sepultura a do anno da guerra.

Deve existir tal como existe o theatro em Portugal?

João da Rua.

KODAK THEATRAL

«La Dona é Mobile»
comedia em 3 atos, traduzida por João Soller.

Não irritamos hoje o espaço com analyse laudatoria, a dizer ao publico, o que julgamos do poema, porque se trata d'uma peça americana.

Do que não conhecemos, não discutimos; acima de tudo, colocamos a probidade e respeito absoluto pelo publico e pela nobre missão que impõe ao obreiro da imprensa.

João Soler, um dos nossos mestres em theatro, cuja probidade e valor são sobejamente conhecidos, adaptou com muita maestria, a comedia americana — «**TWin-beds**», a que na sua tradução chama: «*La Dona é Mobile*». Foi buscal-a ao idioma hespanhol, aonde decerto, ella perdeu alguma coisa da sua propriedade e por isso, como julgar do valor d'um trabalho que, tem passado por mãos varias, até chegar á tradução que nos apresentou o literato João Soler?

Tem a recomendal-a a probidade do seu enredo que disperta o interesse do seu imprevisto no segundo ato: o melhor da sua intensidade, reside no 3.º que é d'um efeito comico interessante.

A scena mimica do segundo é optimamente interpretada.

A empreza, primou na montagem que é extraordinaria pelas toiletes; o scenario em especial o do 2.º e 3.º ato, é simplesmente magistral e honra o nome de José Mergulhão. Maria Mattos e Mendonça de Carvalho, são dignos dos maiores louvores, pela revolta que veem fazendo na velha casa de Taborda.

Maria Mattos, enscenou a peça com olhos de vêr, com arte, prova a sua competencia, tão brilhante e harmonico é o conjunto. Tem como atriz, um trabalho muito cuidado, com fina observação o typo que foi chamada a representar e d'elle sabe tirar notaveis efeitos artisticos, inherentes aos seus já consagrados meritos.

Mendonça de Carvalho — Dá-nos um belo e cuidadoso estudo da personagem incolor que lhe coube. Tem scenas de inflexões brilhantes e apenas registou mais uma vez, o valor que dia a dia nos vem confirmando.

Alegrim, tem uma notavel creação; diz brilhantemente o italiano; tirou efeito das situações que giram em volta da sua ação na peça. E' um trabalho de muita responsabilidade, em especial no 3.º ato, tem soberbas passagens que aproveita optimamente.

Um abraço a Alegrim.

Celeste Leitão — E' aquella estreiante da Sorôr Marianna, aparece-nos em um papel de superiores faculdades porem, tem talento; ainda presa ás peias d'uma novata saida do Conservatorio, a sua voz tem um remigio de rola que prejudica um pouco a elegancia do papel.

Revela-nos uma bela aptidão, depois de bem treinada, devemos ter em Celeste, uma boa dama galã de comedia muito raras hoje no nosso theatro.

Bertha d'Albuquerque, vae muito bem na creada que interpreta com brilho e naturalidade.

Felicitamos com um abraço Maria Mattos, Mendonça de Carvalho e mil bravos a José Mergulhão pelo notavel scenario e a João Soller que, mais uma vez, nos deu prova de quanto vale como tradutor.

*

A semana, ainda se asinala pela abertura da Rua dos Condes. A peça ali em scena, do jornalista Esculapio, tem a critica feita pelo publico e para nós é um

?

todo aquelle repositorio de farrapos a que chamou — «**Musas Latinas**»

Que miseria.

João da Rua.

CARTAZ THEATRAL

Nacional—Vão muito adeantados os ensaios d'apuro da comedia — «*D. Perpetua que Deus haja*». Dizem-nos ser um dos melhores trabalhos de Chagas Roquette e decerto, vae fazer ruidoso successo.

As enchentes á *Malquerida*, continuam augmentando dia a dia.

Trindade—Nem as matinées ao domingo, fazem diminuir a aluvião de povo que se junta todas as noites na bilheteira para ver a notavel revista, um dos maiores e inconfundiveis successos — «*O dia de Juizo*».

Ginasio—Bateu o record do successo, a linda comedia—*La done é mobile*. Basta o deslumbrante scenario do 2.º acto; o notavel desempenho, para ali chamarem tudo quanto de chic temos na capital.

Eden—Quem ha em Lisboa, que não tenha ido admirar a revista *O Dominó?* Coisa egual não se viu ainda em theatros portuguezes.

Apollo — Até que possa ter logar a première da *Viagem de Suzete*, que em breve sobe á scena com todo o deslumbramento, sensacional scenario e guarda roupa, continua em scena, a aplaudida revista — *A Rosa Tirana* que continua em pleno agrado do publico. Ainda ali chama arta concorrencia.

Colyseu dos Recreios — E' um nunca acabar de estreias e ruidosos successos. Agora é o «*Sonho Tragico*», um notavel mimodrama de completa novidade. Deveras encantador e empolgante. Tem ali chamado enchentes sobre enchentes.

Salão Foz—Todas as semanas, novas estreias com artistas dos mais notaveis no genero.

Assim se explicam as enchentes que tem o mais encantador salão do paiz. A empreza é incançavel e procura honrar as tradições do chic rendez-vous da melhor sociedade.

Theatro Moderno — A interessante companhia infantil, chama ali todas as noites grande concorrencia. A petisada tem agradado extraordinariamente pelo seu valor e variado reportorio.

A empreza é digna do auxilio do publico.

Sem olhar a sacrificios, variando constantemente o seu reportorio, todas as peças são montadas com todos os requisitos,

D'entre os pequeninos artistas, notamos verdadeiras vocações.

Variedades — Continua em pleno successo a peça de costumes portuguezes, em 2 actos, «*O burro do Zé Alcaide*» original do nosso collega Velloso da Costa, para a qual fez musica o laureado maestro Manoel Benjamim.

Animatografos

Chiado Terrasse — A atual empreza, não descança em dar nos as mais extraordinarias novidades do estrangeiro. O seu sexteto, unico no genero, continua a manter as suas tradições artisticas.

Olympia — O lindo cine da alta sociedade, é onde se exibem as mais sensacionaes novidades. Com os atrativos que apresenta, torna-o o mais querido dos animatografos.

Salão Central — Os successos, marcam-se pelas enchentes que são colossaes. Raro é o dia, que os cartazes, não indicam a estreia duma fita sensacional A musica classica que executa o seu sexteto, composto de notaveis artistas como João Passos, chama ali uma classe especial de publico.

Salão dos Anjos — Em pleno successo, temos ali a interessante revista do espirituoso e popular escriptor Arthur Arriegas.

Theatro Moderno — A interessante companhia infantil, chama ali todas as noites, grande concorrencia. A petisada tem agradado extraordinariamente pelo seu valor e variado reportorio.

Salão da Trindade — E' ainda hoje, o mais importante salão de animatografo.

As novidades sensacionaes, contam-se pelo sem numero de fitas celebres que ali se apresentam. E a musica?...

Salão do Loreto — Em fitas faladas, é o unico que atrae o publico. Todas as noites são medonhas as enchentes.

Paradis — Depois da remodelação a que não faltou o formal e Lamarão, vêmos ali uma plateia digna d'uma casa de espectaculos. Apresenta as melhores novidadas animatograficas e de *folie bergers*.

Salão Imperio — E' o encanto do bairro Estefania. As mais notaveis celebridades da animatografia, são logo apanhadas pela empreza que, prima na belesa dos seus epectaculos.

Salão do Rocio — Nenhum como elle tem um publico especial. A empreza, prima na apresentação de programas unicos, tudo que de melhor se exibe no estranjeiro, não falha no antigo theatro infantil junto ao Arco do Bandeira.

Chantecler — E' um segundo reclamo ao Eden Theatro. Nos seus programas, resalta sempre o que de bom temos em animatografo falado.

LA VERNA